

Prefácio
para
“Setenta e seis anos de minha vida”
de
Hjalmar Schacht

Gustavo H. B. Franco
Departamento de Economia PUC-Rio

O leitor brasileiro dificilmente terá ouvido falar desse senhor, que morreu em 1970 aos 93 anos e que, 17 anos antes, tinha publicado sua autobiografia, cujo título para a tradução em inglês (“*My First 76 years*”, em tradução literal: “Meus Primeiros 76 anos”) talvez melhor refletisse o seu estado de espírito naquele momento, embora não propriamente fiel ao original em alemão¹.

Schacht escreveu vários livros sobre alguns dos extraordinários episódios dos quais participou, alguns deles traduzidos para o inglês, como o seu relato sobre a estabilização da hiperinflação alemã de 1923 (publicado em 1927), sobre as negociações em torno das reparações de guerra (de 1931), sobre suas relações com Hitler (um *best seller* de 1949). Mas apenas sua autobiografia, o último, mais completo e mais fascinante de seus livros, alcançou uma tradução para o português. Será fácil de demonstrar sua atualidade e pertinência para o público brasileiro.

Schacht foi presidente do *Reichsbank*, o banco central alemão de então, em duas ocasiões, a primeira de outubro de 1923 a março de 1930, cobrindo o período mais crítico do combate à hiperinflação alemã, a maior e mais impressionante de todas as inflações desse tipo. A segunda a partir de março de 1933, convidado pelo próprio Hitler, em meio aos piores momentos da Grande Depressão. Em agosto de 1934 passaria a acumular o cargo de Ministro da Economia, e logo em seguida também um ministério “sem pasta” mas plenipotenciário no assunto “economia de guerra” (*Wehrwirtschaft*). O ápice de seu poder dentro do regime nazista vai, portanto, do combate à Depressão ao início da Segunda Guerra Mundial da qual, a julgar pelo depoimento do próprio, ele nunca foi exatamente um

¹ A edição nos Estados Unidos mereceu um título ainda mais distante, e apelativo: “*Confessions of an old wizard*”, em tradução literal: confissões de um velho feiticeiro.

entusiasta. De qualquer modo, é de se reparar que sua posição é singular: ninguém fora do Partido Nacional Socialista jamais teve tanto poder durante o regime nazista e, ao mesmo tempo, ninguém na alta burocracia alemã tinha tanto prestígio fora da Alemanha mercê de realizações anteriores ao nazismo.

Mas os ventos mudariam com a aproximação da guerra e gente como Schacht perderia muito de sua utilidade. O regime, já totalitário em uma extensão inusitada, embicava na direção de excessos inimagináveis, e o futuro parecia negro. Schacht deixaria o Ministério da Economia em novembro de 1937, em função de diferenças com Goering, e em janeiro de 1939 a presidência do *Reichsbank*. O Ministério “sem pasta” ele manteria até bem mais tarde, embora sem nenhum poder, como uma espécie de deferência a serviços prestados, mas cada vez menos pelo temor de repercussões no exterior de sua remoção. Ele seria, afinal, preso em 23 de julho de 1944, poucos meses depois de perder o Ministério “sem pasta” e três dias depois de um atentado fracassado contra a vida do *Führer*, uma dentre tantas conspirações contra o regime que ele relata ter participado. Que esperar da vida, uma vez preso pela maior e mais temida máquina de terror que a humanidade já conheceu, suspeito de alta traição e de tramar a morte do Grande Ditador? Ele se dizia amigo dos conspiradores, desafeto de praticamente todos os líderes nazistas, e tinha sido sondado para, após o assassinato, ocupar um ministério do governo que teria de negociar a paz. Tudo o que se poderia dizer é que sua vida estava seriamente ameaçada.

Mas Schacht sobreviveu. Os aliados o encontraram preso em 1945, mas assim o mantiveram, por razões que a ele pareceram inconsistentes com as da primeira prisão. Os homens que alegavam ter combatido Hitler, como Schacht, não podiam ser confundidos com os que apoiaram o *Führer* até o fim, inclusive quando o regime revelou sua face mais hedionda em crimes contra a humanidade ainda não inteiramente conhecidos no momento do término da guerra. De outro lado, os aliados podiam alegar que sua indisposição com o regime era recente. Pesaram bastante os longos anos nos quais o mundo inteiro se acostumara a vê-lo como o Czar econômico do Nazismo e um dos mais poderosos e influentes homens do *Führer*. Muitos perguntavam: até que ponto Schacht era mesmo um inimigo do regime? Não seria um simpatizante que caíra em desgraça apenas por força de alguma intriga, tão amiúde observada no alto comando nazista?

O fato é que, com tantas explicações a dar, Schacht permaneceu preso num total de quatro anos, metade desse tempo em confinamento solitário, trocando de hospedagem, conforme a sua contabilidade, exatas 32 vezes. Dos cárceres nazistas ele migrou para as prisões aliadas até o seu indiciamento como réu no Tribunal de Nuremberg junto com outros potentados do Nazismo e responsáveis pelo Holocausto. Na verdade, Schacht que nunca usara um uniforme, nem fora membro do Partido Nazista, terminou indiciado apenas em dois crimes: “participar da conspiração que provocou a guerra” e “das medidas preparatórias para a mesma”. Com isso, livrou-se na partida das acusações de “crimes de guerra” e “crimes contra a humanidade”, que vinham se tornando cada vez mais pesadas a medida que iam sendo revelados os horrores do Holocausto. Schacht foi um dos 3 réus inocentados na Corte de Nuremberg, que condenou à força mais de uma dezena de criminosos de guerra e encarcerou outros tantos pelo resto de suas vidas. Mas a liberdade ainda teria de esperar. A nova Alemanha era, então, um poço de revanchismo e ambigüidade quanto aos que participaram do regime anterior. Pela sua notoriedade Schacht era um alvo fácil, pois parecia personificar a adesão da burguesia alemã a Hitler, um retrato do oportunismo e falta de escrúpulos do empresariado alemão, um pecado ainda a merecer a justa punição. O veredicto de Nuremberg não tinha sido inteiramente bem aceito, e antes mesmo que ele pudesse desfrutar de 24 horas de liberdade, um tribunal de “de-nazificação” novamente ordenaria sua prisão e o condenaria a uma pena de 8 anos, dos quais se livraria apenas na apelação, em setembro de 1948. Sua vida recomeçava, uma vez mais, desta vez aos 71 anos.

Este magnífico livro foi escrito alguns anos depois, em 1953, quando Schacht já havia recobrado os meios de viver confortavelmente. Já atuava com grande desenvoltura como consultor para diversos países subdesenvolvidos (Indonésia, Egito, Síria, Filipinas, Argélia) como uma espécie de Edwin Kemmerer dos anos 1950, com especialização em “não-alinhados”², e no início de 1953 conseguiu permissão para abrir seu próprio banco “Schacht & Co.”, que funcionaria sem maiores sobressaltos, e com algum sucesso, até

² Edwin Walter Kemmerer, americano, professor da Universidade de Princeton, notabilizou-se como consultor de governos estrangeiros nos anos 1920, sempre com o propósito de auxiliar a instalação de bancos centrais no modelo americano e uma adesão disciplinada ao padrão ouro. Desde então, os países da periferia entendiam que o auxílio de figuras proeminentes do mundo financeiro do “Norte” podiam ajudar suas tratativas com os governos dos países ricos e com os bancos internacionais. Schacht mantivera intocada sua

1963. O governo da Nova Alemanha não o quis em suas fileiras, embora tivesse empregado gente mais próxima do nazismo do que ele jamais tinha sido: a questão parecia mais rasteira, Adenauer e seu grupo temiam trazer para o governo um homem tão talentoso e ambicioso, e que, principalmente, havia dominado e brigado com todos os regimes de que havia participado³.

Schacht morreria em 1970, aos 93, de uma embolia causada por um tombo. O casal Schacht preparava-se para um jantar *black-tie*, e ao tentar vestir suas calças sem se sentar, o nonagenário Schacht foi ao chão machucando-se seriamente. Enquanto entrava no hospital, queixou-se a seu médico que nunca havia lhe sido dito para sentar enquanto se vestia. Morreu nesse mesmo dia 4 de junho de 1970. No enterro, com a presença do então presidente do Bundesbank, destacava-se uma coroa de flores da “Fundação 20 de Julho” com a inscrição “para um companheiro de tempos difíceis”. Foi em 20 de julho de 1944 que o Conde von Stauffenberg tinha tentado, sem sucesso, assassinar Hitler⁴ e como consequência, Schacht fora preso.

* * *

Este livro não deve ser visto como as memórias de um pacato aposentado, um ex-czar econômico e mago das finanças, recordando com deleite e distanciamento as grandes e pequenas aventuras de sua vida. Ele tinha passado muitos anos preso e repetindo este relato para um conjunto heterogêneo de autoridades tendo em comum apenas a sua falta de condescendência. No término desses processos, vitorioso, o velho Schacht já refeito e diante de uma nova existência, conseguiu reunir energias para fazer por escrito, com amplas doses de seu humor seco e desconcertante, e também carregado de emoção, o relato que o inocentou diante de tantos tribunais. Depois desses veredictos, e de enxergar de muito perto a morte e a ruína pessoal, sentia-se livre para celebrar a vida e orgulhar-se de seus feitos.

Schacht foi, de fato, o mais importante formulador de políticas econômicas na Alemanha de 1923 a 1944. Foi autor e principal executor do programa que pôs fim à

reputação de “mago das finanças”, e parecia desenvolver uma clientela numerosa entre países de perfil “não alinhado”.

³ Cf. Weitz (1997, p. 341).

⁴ *Ibid.* p. 343.

hiperinflação, e esteve no centro de tortuosas negociações em torno de reparações de guerra devidas pela Alemanha, um dos temas que mais consumiu os melhores economistas no entre guerras. Esteve entre os primeiros a aplicar receitas posteriormente denominadas Keynesianas contra a Depressão, inventou os controles cambiais e os tratados de comércio por compensação, assim como esquemas financeiros para custear o esforço de guerra encobrindo a sua natureza fiscal. É difícil imaginar, nesse século, uma outra personalidade, dentre aquelas diretamente envolvidas com a política econômica, que tenha sido tão influente, versátil e criativo diante de desafios tão variados e tão monumentais inclusive, e principalmente, o de trabalhar com Hitler.

Schacht não era propriamente um economista, do jeito que hoje entendemos a profissão. Tinha uma formação genérica, não especialmente profunda em economia. Era um homem prático, que tinha começado a vida como jornalista ao tempo que, com extraordinária rapidez, se destacou como um banqueiro de sucesso. Desde cedo, todavia, a despeito do sucesso no setor privado, é possível perceber seu interesse nos chamados Assuntos de Estado. No momento em que entrou para o governo, em 1923, para ocupar o cargo de Comissário da Moeda, o leitor terá a impressão que um longo capítulo estava começando. Esse cargo fora criado no pior momento da hiperinflação, ante a necessidade de se estabelecer um contraponto à atuação do *Reichsbank*, sob a débil presidência de Rudolf von Havenstein, que resistia às enormes pressões para a sua renúncia. O mandato de Havenstein era vitalício, de modo que a estabilização tinha de ser feita com ele e apesar dele. Um plano ambicioso e inovador para a estabilização havia sido concebido por Karl Helfferich, um economista tido como brilhante, “essencialmente um *expert*, um mestre do detalhe e fabricante de soluções”, no dizer de seu biógrafo⁵. Sua idéia tinha como base a criação de uma “moeda indexada”, à semelhança de algumas idéias brasileiras da década de 1980, mas tendo como inspiração a experiência alemã de moedas privadas de valor constante (*wertbeständiges notgeld*) freqüentemente lastreadas em estoques de grãos, minerais e mesmo energia elétrica. Sua proposta era a de emitir um desses instrumentos, mas em larga escala, com o propósito de substituir a moeda nacional, praticamente destruída pela inflação. A nova moeda se chamaria *Roggenmark*, de forma a apelar à agricultura e aos “valores reais” com base nas quais vinham proliferando dezenas de

⁵ Williamson (1971, p. 413).

milhares dessas emissões privadas. Não havia nada melhor a experimentar. A idéia de Helfferich seria modificada em alguns importantes detalhes: a nova moeda “de valor estável”, posto que indexada, seria chamada de *Rentenmark* e seria conversível em títulos indexados à taxa de câmbio⁶. O próprio Schacht havia trabalhado para que, ao fim das contas, o mecanismo fosse destinado a garantir a volta ao padrão-ouro. A criatividade de Helfferich tinha de caber dentro de cânones ortodoxos, sob pena de dificultar sua aceitação pelo *establishment* financeiro alemão e internacional. Criou-se assim um novo banco, o *Rentenbank*, ao lado do *Reichsbank*, para emitir a nova moeda, que entraria em circulação com sucesso em 15 de novembro de 1923 logrando estabilizar o marco em 4,2 trilhões por dólar. O processo em muito se assemelharia à experiência brasileira com a URV (Unidade Real de Valor), precedendo à introdução do Real em julho de 1994.

Logo adiante, todavia, em 20 de novembro, morreria Havenstein, evento que um historiador descreveria como “indubitavelmente adicionando uma tintura de confiança requerida para a estabilização”⁷. Embora fosse claro que a nomeação de Schacht para o cargo de Comissário da Moeda “já havia reduzido [Havenstein] à irrelevância”⁸, a morte de Havenstein criava um fato novo e importante: abria a sucessão para o *Reichsbank*, o que tinha enorme importância para o futuro do programa de estabilização. Os pretendentes eram óbvios: de um lado, o criativo e talentoso Helfferich, o “pai do *Rentenmark*” (*Erfinder der Rentenmark*) contando com apoio da diretoria do *Reichsbank*, e tendo em sua bagagem o plano que parecia começar a funcionar. Do outro, Schacht, que já havia adquirido certa autoridade e popularidade como Comissário da Moeda no curto período desde que havia sido nomeado (em parte, por certo, pela inoperância de Havenstein), e também gostava de enfatizar sua contribuição para o *Rentenmark*. Ambos tinham experiência bancária, mas Helfferich tinha algumas vantagens: era um acadêmico bem mais sólido, tendo escrito muitos livros sobre assuntos monetários, e contava com a preferência do *board* do *Reichsbank*. Seu problema era ser representante no parlamento de um partido (*Deutschnationale Partei*) um tanto mais a direita que o gabinete de então. Schacht, por seu turno, tiraria vantagem do fato de Helfferich ter sido o preferido de

⁶ Para uma discussão detalhada da proposta, bem como de seu parentesco com algumas propostas brasileiras, veja-se Franco (1987).

⁷ Feldman (1997, p. 795).

⁸ *Idem, ibid.*

Havenstein, o que neutralizava a preferência do *board* do *Reichsbank*. De outro lado, alegraria que as funções de Comissário da Moeda e de Presidente do *Reichsbank* deveriam ser unificadas para o bem do programa. Caso Schacht não fosse o escolhido, Helfferich se tornaria poderoso demais, pois o mandato era vitalício. A manobra foi magistral, e o escolhido foi Schacht.

Na linha de frente da estabilização fez um excelente trabalho enfrentando uma infinidade de problemas práticos: os esforços franceses de alimentar idéias separatistas na Renânia, a costura do Plano Dawes, a aliança com Montagu Norman (Presidente do Banco da Inglaterra) resultando na fundação do *Golddiskontbank*, um banco com capitais alemães e do próprio Banco da Inglaterra, destinado a financiar o comércio exterior. Num dos episódios mais importantes dos primeiros dias o conselho diretor do *Rentenbank*, numa “decisão histórica”⁹ recusou-se a monetizar letras do Tesouro alemão, enquanto o *Reichsbank* dava início a uma política monetária e creditícia tremendamente restritiva: os juros do *overnight* chegam a 3230 % em média na terceira semana de novembro, a primeira semana de vida do *Rentenmark*, chegando a 11% apenas em meados de maio de 1924¹⁰. O sucesso da estabilização foi, assim, assegurado e Schacht, se não ganhou o reconhecimento pela autoria inicial do esquema, terminou com muito mais que isso, ao atrair para si o crédito pelas partes mais difíceis e penosas da condução do processo de estabilização. Ao mesmo tempo em que caiu nas graças da população como defensor intransigente da moeda, também encarou sem dificuldades o lado mais duro de um programa de estabilização ao ver-se taxado de “o destruidor da indústria alemã” e coisas do gênero, típicas de qualquer estabilização. Helfferich morreria em abril de 1924, num acidente de trem na Itália, de modo que a criatura agora pertencia apenas a Schacht com todas as honras e sem competição, cabendo-lhe aproveitar-se dos ônus e bônus daí derivados.

* * *

Uma hiperinflação tão colossal quanto a alemã, de resto como todas as outras da espécie, não podia deixar de ser o resultado combinado de muitos problemas difíceis. A estabilização forçosamente haveria de envolver um longo e penoso caminho no qual a

⁹ Schacht (1927, p. 119).

solução dessas mazelas poderia tomar vários anos. Aos olhos de Schacht, todavia, uma grande questão emergia na frente de todas as outras: reparações de guerra. Antes do Plano Dawes, os pagamentos exigidos da Alemanha no chamado “Cronograma de Londres”, de 1921, poderiam consumir mais de 80% das exportações. Nenhuma estabilização seria possível nessas condições, alegavam os alemães. Mas a revisão desses termos, objetavam os aliados, não poderia ocorrer sem um esforço sério de estabilização e uma proposta objetiva e razoável de pagamento. Tropas francesas haviam ocupado a região do Ruhr, com o propósito de extrair “pagamentos” na forma de carvão diretamente retirado das minas, e a chamada “resistência passiva” por parte dos alemães procurava reduzir a sangria e vinha fazendo crescer a tensão. O *Rentensmark* era uma oportunidade que não podia ser perdida, e assim, logo no começo de 1924, todos se apressaram em assinar o Plano Dawes que não apenas reduzia os montantes devidos como reparações para valores correspondentes a algo entre 5% e 20% das exportações alemãs, como a subscrição do empréstimo destinado a refinarçar a primeira parcela foi tão bem sucedida que abriu com fanfarras o mercado internacional de capitais para a Alemanha. Iniciava-se, assim, um período de financiamento privado barato e abundante para a reciclagem da obrigação alemã. Os aliados, com isso, alegravam-se em ver a “capacidade de pagamento” alemã ampliada, mas Schacht não estava nada satisfeito e tinha bons motivos para isso. De um lado, insistia na “imoralidade” da obrigação, ou na irracionalidade de se constranger o desenvolvimento de uma nação através da extração de pagamentos em moeda estrangeira no limite ou mesmo além de suas possibilidades. Schacht foi um dos pioneiros em identificar uma questão que mais tarde viria a ser estudada pelos economistas com a denominação de “o problema da transferência”, ou seja, a idéia que a capacidade de pagamento *em moeda estrangeira* dependia do superávit comercial e não da capacidade fiscal ou de emissão de moeda. E nisso ele estaria na companhia de alguns dos mais brilhantes economistas de seu tempo, e de tempos ainda por vir, como Keynes, Ohlin, Samuleson e Machlup, para mencionar apenas alguns. As abordagens que propunha para o problema eram muito semelhantes às que foram adotadas depois da Segunda Guerra Mundial: a economia mundial precisava de uma Alemanha sadia e não de um país prostrado em crise permanente. Naquela altura, todavia, os franceses ainda pensavam nas

¹⁰ Flink (1930, p. 91).

reparações que pagaram aos alemães por conta da Guerra Franco Prussiana de 1871, e na devastação que tinham experimentado em seu próprio território nos últimos anos. As idéias de Schacht eram boas, mas estavam bem à frente de seu tempo¹¹.

Embora seu prestígio como defensor da moeda começasse a se desgastar, especialmente no final da década de 1920, quando os primeiros efeitos da Grande Depressão começaram a se fazer sentir, o interesse na questão das reparações resulta em mantê-lo numa posição de proeminência dentre as grandes lideranças alemãs. Tinha carisma, determinação, encanto, talento para a política, era muito bem relacionado, muito ambicioso, colocava-se no centro do espectro político, oferecendo-se como alternativa num país radicalizado entre os extremos do nazismo e do comunismo, e com uma social democracia enfraquecida por uma espécie de dúvida estrutural, ou sentimento de culpa. Todavia, sua campanha contra as reparações o levou a radicalizar suas posições a ponto de provocar desconforto dentro do próprio governo. Como negociador alemão na conferência que levou ao Plano Young, e da fundação do BIS (*Bank of International Settlements*), viu-se obrigado a assinar um texto que deixaria ultrajadas a direita e a esquerda, e que ele próprio não enxergava como coerente com suas idéias. Chegando em casa, ele conta, sua mulher Louise, antes de qualquer saudação, deixou claro o seu pensamento: “você nunca devia ter assinado”.

Um tanto desiludido, mas de caso pensado, ele renunciaria a seu posto no *Reichsbank*. Ao leitor não escapará que essa perda não lhe doe. Foi quase que calculada; um sinal de desprendimento, de fidelidade às suas idéias, e de firmeza de caráter que apenas haveria de contar positivamente no futuro. A Grande Depressão parecia estender suas garras por toda parte, de tal sorte que Schacht não poderia escolher um momento melhor para passar à condição de reserva moral, aparentando a tranquilidade de quem sabia que voltar era uma questão de tempo e que a Alemanha não podia prescindir de seus serviços. Recolheu-se em sua casa de campo, mas de modo algum afastou-se da política e, em particular, da pregação contra as reparações. No outono de 1930, quando as eleições parlamentares na Alemanha permitiram aos nazistas elevar sua bancada de 12 para 107 representantes, Schacht estava nos Estados Unidos, e terminou assolado por uma montanha de pedidos para palestras

¹¹ Schacht (1931, cap. 18). Nas tratativas em torno da reconstrução da economia mundial no pós guerra, as alusões ao “erro” em insistir em reparações e na falta de incentivos à recuperação alemã eram freqüentes e enfáticas. Propostas como a de Keynes, de Harry Dexter White e, finalmente, o Plano Marshall todos refletiam o zelo em não repetir erros dos anos 1920, que Schacht apontara incansavelmente.

sobre as reparações e o futuro da Alemanha. Ele relata um extraordinário *road-show* de 50 dias onde dormiu em 42 camas diferentes e, para o seu desespero, comeu galinha com sorvete (na sobremesa, é claro) a maior parte do tempo. Mas logrou alertar o público norte americano quanto aos perigos já bem objetivos de se arrasar a Alemanha com reparações impagáveis. Este perigo chamava-se Adolf Hitler.

* * *

A medida que a gigantesca sombra do nazismo se projetava sobre a cada vez mais combalida democracia de Weimar, era visível a angústia de Schacht, e de outros como ele. A Alemanha dos nobres e das tradições, dos banqueiros educados e de formação humanista, como Schacht, a Alemanha de Goethe e Schiller, não podia mais ignorar o tosco líder carismático, de idéias mirabolantes e confusas, mas cada vez mais popular. As elites precisavam encontrar termos de convivência com esse homem. E a cada eleição ficava mais claro que não era mais possível governar sem ele. A trajetória de Schacht teria de unir-se à desse outro personagem, com o qual parecia impossível competir e o qual Schacht acreditou, por um momento, poder conduzir na direção do bom senso.

Hitler, de seu lado, não precisou fazer maiores concessões partidárias para chegar a Chanceler em 1933. Mas ia herdar um país consumido pela Depressão, imerso em ressentimentos e ansioso por soluções rápidas e contundentes. Schacht era um extraordinário executivo, talvez o mais talentoso quadro para posições na área econômica, e suas posturas nacionalistas bastante visíveis no capítulo das reparações o aproximavam do novo governo.

Para realizar seu sonho de voltar a uma posição de destaque na carreira pública, Schacht teria de pagar um preço elevado. O drama era faustiano: para realizar sua vocação, livrar o povo alemão das garras da Depressão e das idéias exóticas dos gurus econômicos do nazismo, como Gottfried Feder cujas idéias ele abominava (ou poderiam ameaçá-lo), Schacht teria que transigir numa extensão inimaginável: teria que trabalhar para Hitler, e ajudá-lo em tudo que ele pretendia fazer. Era o mesmo drama de Hendrik Höfgen, do *Mefisto* de Klaus Mann, uma das muitas recriações do Fausto, esta tendo lugar nessa mesma época, também tendo como eixo a colaboração com o nazismo e baseada numa história real, a do cunhado de Klaus, e genro do grande Thomas Mann, Gustav Gründgens,

que abandonou seu passado de comunista para alcançar a supremacia e a glória no teatro do Reich pela mão do mesmo Goering que tomaria o lugar de Schacht no Ministério da Economia alguns anos à frente¹².

No começo de 1933, Schacht tinha sabido que Hitler havia perguntado ao então Presidente do *Reichsbank*, Hans Luther, qual a dimensão da contribuição que a instituição poderia dar ao combate ao desemprego e que tinha ouvido um número que lhe pareceu insatisfatório. Em março, Hitler repetiu a mesma pergunta a Schacht e ouviu o que queria: o *Reichsbank* devia fazer o que fosse necessário para retirar o último desempregado das ruas. Não era a resposta que se esperava de um banqueiro com a reputação de conservador que Schacht sempre cultivou. Era um oferecimento sem limites, uma entrega total, e Hitler não hesitou diante disso: Schacht estava de volta ao *Reichsbank*.

Tem início então, uma das mais extraordinárias narrativas sobre a relação entre técnicos, economistas de perfil formulador em especial, e o Poder. Schacht tinha muitas coisas a oferecer. Para começar, a interrupção dos pagamentos relativos à dívida externa, que ele foi comunicar diretamente a Roosevelt, cuja surpreendente reação é das mais interessantes confidências desse livro. Em seguida, Schacht concebe um esquema criativo de endividamento público, as *Mefo-Wechsel*, letras emitidas por uma companhia privada formada por determinação governamental que ganhavam garantia do governo e a possibilidade de serem descontadas no *Reichsbank*. Outros esquemas parecidos se sucederam, dando um sabor keynesiano aos primeiros programas do novo regime.

Não havia, contudo, muito keynesianismo de caso pensado nesse domínio, a sensação é de improvisação e a postura de Schacht parece ambígua. Por um lado colaborava, às vezes de forma brilhante, mas com frequência resistia a esquemas explícitos de criação de emprego através de obras públicas, não se sabe se por convicção econômica, ou por implicância com as idéias nazistas. De uma maneira ou de outra, prevaleceu a percepção de que a “brilhante improvisação” de Schacht a partir de 1933 teria sido a chave para a vitória

¹² Mefisto foi escrito em 1936, e foi transformado em filme por Istvan Szabo, que recebeu o Oscar para Melhor Filme Estrangeiro em 1971. Mefisto foi originalmente publicado em Amsterdã e somente chegou ao público alemão nos anos 1960, quando enfrentou um dos mais longos processos judiciais da história editorial alemã, movido pelo filho adotivo de Gründgens. O livro acabou banido da Alemanha.

sobre a Depressão, versão que o próprio apenas fortaleceu em Nuremberg ao alongar-se em detalhes sobre a crassa ignorância dos nazistas em matéria econômica e financeira¹³.

Logo adiante, em 1934, o problema do desemprego não parecia mais tão sério quanto o do balanço de pagamentos. Hitler perguntaria, então, ao Ministro da Economia o que deveria ser feito e diante de uma resposta evasiva, novamente recorreria a Schacht que, mais uma vez, tinha uma resposta bem ensaiada. A Alemanha devia procurar equilibrar seu comércio exterior em bases bilaterais, usando controles cambiais administrados pelo Ministério da Economia de modo a que o país comprasse apenas até o equivalente ao que fosse capaz de vender. O esquema agradou em cheio, e Schacht, feito ministro, pode colocá-lo em prática quase que imediatamente. Pouca coisa gerou mais irritação aos parceiros comerciais da Alemanha, que se puseram a fazer o mesmo com redobrada hostilidade. Nada resultaria mais emblemático desse momento de desintegração da economia internacional: uma regressão a um mercantilismo primitivo que colocava diversas nações a um passo da autarquia e, ademais, parecia um prelúdio a uma economia de guerra que parecia já se desenhar.

Schacht estava fazendo muito bem o seu trabalho e os incríveis poderes que acumulou nada tinham a ver com o Partido ou com alianças com figuras proeminentes do regime. Seu canal era direto e sem interferências. Aliás, o leitor não deixará de se divertir com a inacreditável quantidade de picuínhas que Schacht protagoniza a cada pequena interferência do Partido nos assuntos sob sua responsabilidade, inclusive quando envolviam perseguições a judeus. Em todos esses incidentes, observa-se um Hitler extremamente tolerante, afável até, e sempre capaz de defender Schacht das investidas do Partido. O leitor encontrará tantas dessas histórias que dificilmente deixará de especular sobre as razões dessa conduta. Hitler precisava de um “czar econômico” de enorme prestígio internacional e tinha de ter paciência com o seu. Mas e Schacht ? A imensa sucessão de pequenas e inconseqüentes demonstrações de independência pareciam, à primeira vista, revelar a aversão do alemão educado diante dos brutamontes do Partido. Vistas com cuidado podiam ser interpretadas como uma inteligente estratégia de preservação de uma linha direta com o chefe e de afastamento de qualquer subordinação ou colaboração com a máquina do Partido. Tratava-se de manter afastada a competição de

¹³ Para uma discussão em detalhe veja-se Barhai (1990, pp. 40-41).

outros pela atenção de Hitler, constantemente chamado a interceder por ele. Tratava-se também de distanciar-se do Partido, o se revelou extremamente útil posteriormente. Na verdade, foi a imensa coleção de desafetos que colecionou entre os nazistas que o salvou do enforcamento em Nuremberg.

De toda maneira, sua implicância com o Partido parece tão sangüínea que o leitor poderá perguntar o que o manteve tanto tempo dentro deste governo. Será que não tinha idéia de para onde as coisas estavam a se encaminhar ? Não sabia do caráter do seu chefe, de seus planos de guerra ? Teria sabido do Holocausto apenas em Nuremberg, com surpresa e indignação, como faz crer, ele que propôs ao *Führer* um plano de contrair um grande empréstimo internacional junto à comunidade judaica para financiar a emigração em larga escala dos judeus para longe da Alemanha ?

* * *

Escrevendo em 1953, depois de tantos tribunais, Schacht teria todos os incentivos para apresentar-se como um adversário de primeira hora do Nazismo e como alguém que evitou excessos contra os judeus em diversas ocasiões, bastante bem documentadas. Mas só é possível vislumbrar uma real hostilidade contra Hitler quando suas divergências com Goering se aprofundam, quando a guerra está por começar e o regime assume uma face mais delirante, na qual não havia mais lugar para racionalidade. Esta, aliás, é a palavra mais comum nestes casos. Há muitos casos de bons economistas metidos com governos não tão bons, sempre imaginando envolver-se apenas para evitar um mal maior. Foram muitos os exemplos entre nós, mas registre-se apenas um, o do já falecido professor Mário Henrique Simonsen, que sempre repetia que era importante estar ali (no ministério do governo militar) para incutir um pouco de racionalidade a um regime que seria muito pior sem ele, como aliás ficaria claro após a sua substituição em 1979 pelo Ministro Delfin Netto.

Mas como diz o próprio Schacht, num regime totalitário, não se pode deixar o ministério sem a permissão e o desejo do Ditador. Os riscos são muito grandes. Sair do governo é infinitamente mais difícil do que entrar. Parecendo perceber a derrocada, Schacht vê seus poderes minguarem diante de Goering e da máquina de guerra nazista, sem opor maiores resistências. Era como sair de fininho. *A posteriori*, percebe-se que o

momento de se afastar revelou-se preciso. Ficar mais tempo teria lhe criado problemas em Nuremberg. Sair mais cedo teria possivelmente lhe custado a vida numa prisão nazista.

* * *

Muitos se debruçaram sobre essa trajetória em busca de ambigüidades. Schacht não era um nazista ideológico, um anti-semita convicto, embora suas observações sobre os judeus vão certamente ferir o observador de nossos dias. Era ambicioso e oportunista, o que não o diferencia de nenhum político de qualquer época e lugar. Os tempos eram difíceis, os dilemas éticos de formulação muito complexa, especialmente para os alemães com alguma responsabilidade, ao verem-se obrigados a viver o pesadelo do nazismo. O que fazer ? Postar-se em armas e morrer ? Ou modificar as coisas “de dentro” ? Schacht teve de pagar um preço muito alto para servir a seu país, atuar de forma responsável e evitar um mal maior. Hitler e o nazismo são entidades tão negativas que é difícil imaginar que qualquer um que tenha trabalhado para esse regime não seja um monstro sem escrúpulos. O livro é um convincente enunciado de razões opostas.

Mas não vamos convidar o leitor a exercer um julgamento moral sobre Schacht. Ele já teve todos os que poderia ter, e foi inocentado em todos eles. Há nesse livro inúmeras lições, uma delas a de que os homens não escolhem condições dentro das quais devem exercer sua vocação, e que devem viver entre o bem e o mal, às vezes bem próximos deste, a fim de fazer o melhor que podem, e sabendo que isto poderá ser muito pouco, ou mesmo negativo, dentro do contexto onde estão inseridos.

Mas as lições mais interessantes o leitor irá descobrir por conta própria. Schacht é de fato um feiticeiro, não só das finanças, mas também da política. Temos diante de nós uma sucessão de aulas ministradas por um mestre, e num teatro que cobre os principais eventos do século XX. Trata-se de um técnico a ensinar como se deve tratar com o Poder, nas piores condições possíveis, e na presença dos problemas econômicos mais avassaladores que se pode imaginar.

Bibliografia

Barkai, Avraham (1990) Nazi Economics: ideology, theory and policy Oxford: Berg.

- Feldman, Gerald D. (1997) The Great Disorder: Politics, Economics, and Society in the German Inflation, 1919-1924 Oxford: Oxford University Press.
- Flink, Solomon (1930) The German Reichsbank and Economic Germany Nova Iorque: Greenwood Press.
- Franco, Gustavo H. B. (1987) “The Rentenmark Miracle” em Rivista di Storia Economica 4 e em B. Eichengreen (ed.) Monetary Regime Transformations Londres: Elgar Reference Collection, 1992.
- Mann, Klaus (1936) Mefisto Londres: Penguin Books, 1977.
- Schacht, Hjalmar H. G. (1927) The stabilization of the Mark Nova Iorque: Arno Press, 1978.
- _____ (1931) The end of reparations Nova Iorque: J. Cape & H. Smith.
- _____ (1953) My First 76 years, The Autobiography of Hjalmar Schacht London: Allan Wingate, 1955.
- Weitz, John (1997) Hitler’s Banker: Hjalmar Horace Greeley Schacht Boston: Little, Brown and Company.
- Williamson, John G. (1971) Karl Helfferich 1872-1924: economist, financier, politician Princeton: Princeton University Press.